



Igreja São Domingos: um patrimônio sacro da cidade de Torres/RS

Júlia Maggi da Costa¹

Ana Carolina Gelmini de Faria²

Resumo: O trabalho investiga o papel da Igreja Matriz São Domingos, na condição de patrimônio cultural para a cidade de Torres/RS. A metodologia inclui análise bibliográfica e documental, com consulta de livros, teses, artigos e sites, além de aplicação de entrevistas semiestruturadas e questionário estruturado, permitindo verificar a Igreja enquanto objeto de caráter museológico. Apresenta e discute qual o papel da Igreja dentro do cenário cultural da cidade. Analisa a relação dos moradores frequentadores e visitantes com o patrimônio edificado, em uma perspectiva museológica. Destaca a importância da preservação desses espaços em cidades turísticas. Conclui que a relação da comunidade com a Igreja, patrimônio histórico/cultural da cidade, foi desenvolvida e reformulada com o passar do tempo, entendendo-se que esse vínculo está diretamente relacionado ao sentido de identificação com o espaço, pertencente à memória conferida ao local.

Palavras-chave: Identidade; Memória; Museu; Torres/RS; Igreja Matriz São Domingos.

São Domingos Church: a sacred heritage of the city of Torres/RS

Abstract: Investigate the role of São Domingos Church as a cultural heritage to the town of Torres/RS. The methodology includes bibliographic and documental analysis, research in books, thesis, articles and websites, also semi-structured interviews and structured questionnaire, therefore allowing it to verify the Church as a museological object. It presents and discusses the Church's role within the cultural scenario of the town. It analyzes the connection between regulars residents and visitors with the built-heritage in a museological perspective. It highlights the importance of preservation of these spaces in touristic towns. It concludes that the connection between community and Church, which is a historical/cultural heritage of the town, was built and transformed over time, understanding that this bond is directly related to the sense of identification with that space, attached to the memory given to this place.

Keywords: Identity; Memory; Museum; Torres/RS; São Domingos Church.

Introdução

Localizada no extremo litoral norte do Rio Grande do Sul (RS), a cidade de Torres³ é hoje consagrada popularmente como a mais bela praia gaúcha. Conhecida pelos seus grandes paredões rochosos, a cidade

1 Bacharela em Museologia (UFRGS). E-mail: juliaufrgs@hotmail.com

2 Bacharela em Museologia (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do curso de Bacharelado em Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade (PPGMUSPA/UFRGS). E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br

3 A cidade leva esse nome em decorrência de três grandes rochedos de origem vulcânica que afloram à beira-mar. É muito frequentada durante o período de veraneio, por turistas gaúchos e de países vizinhos. Distante 208 quilômetros de Porto Alegre, a cidade de Torres possui 160,56 quilômetros quadrados de área territorial e população de 34.656 habitantes, conforme Censo do IBGE de 2010.

turística atinge seu pico populacional durante temporada de veraneio, recebendo pessoas inclusive de países vizinhos. Dentre alguns pontos turísticos instituídos na cidade está a Igreja Matriz de São Domingos⁴. Situada no Morro do Farol, próximo à Praia do Meio⁵, a Igreja foi a primeira a ser construída no Litoral Norte do Estado, entre o trecho Laguna (Santa Catarina - SC) e Osório (RS).

A Igreja de ordem religiosa católica, vinculada à Diocese de Osório, teve sua construção iniciada no ano de 1819. Inaugurada no dia 24 de outubro de 1824, a edificação teve grande importância para o desenvolvimento populacional da região, sendo o marco inicial do núcleo urbano de Torres. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE)⁶, a Igreja representada pela arquitetura colonial luso-brasileira passou por inserções posteriores com diferentes movimentos arquitetônicos, com características do neoclássico e até mesmo neogóticos (Figura 1).

Figura 1 – Igreja Matriz São Domingos



Fonte: Das Autoras, 2018.

O objetivo desta pesquisa é encorajar uma discussão, a partir do campomuseal, sobre a Igreja Matriz São Domingos enquanto testemunho histórico da cidade de Torres, buscando investigar as relações entre homem [comunidade frequentadora e visitantes ocasionais] —objeto [igreja]. Mais do que conhecer as manifestações locais, é importante compreender os caminhos e os componentes que integram esse cenário.

4 Rua Padre Lamonaco, 2 - Torres - RS, Brasil.

5 Chamada pelos moradores de Prainha, a Praia do Meio faz parte do conjunto de praias da cidade de Torres/RS, muito utilizada pelos banhistas por conta de suas formações rochosas.

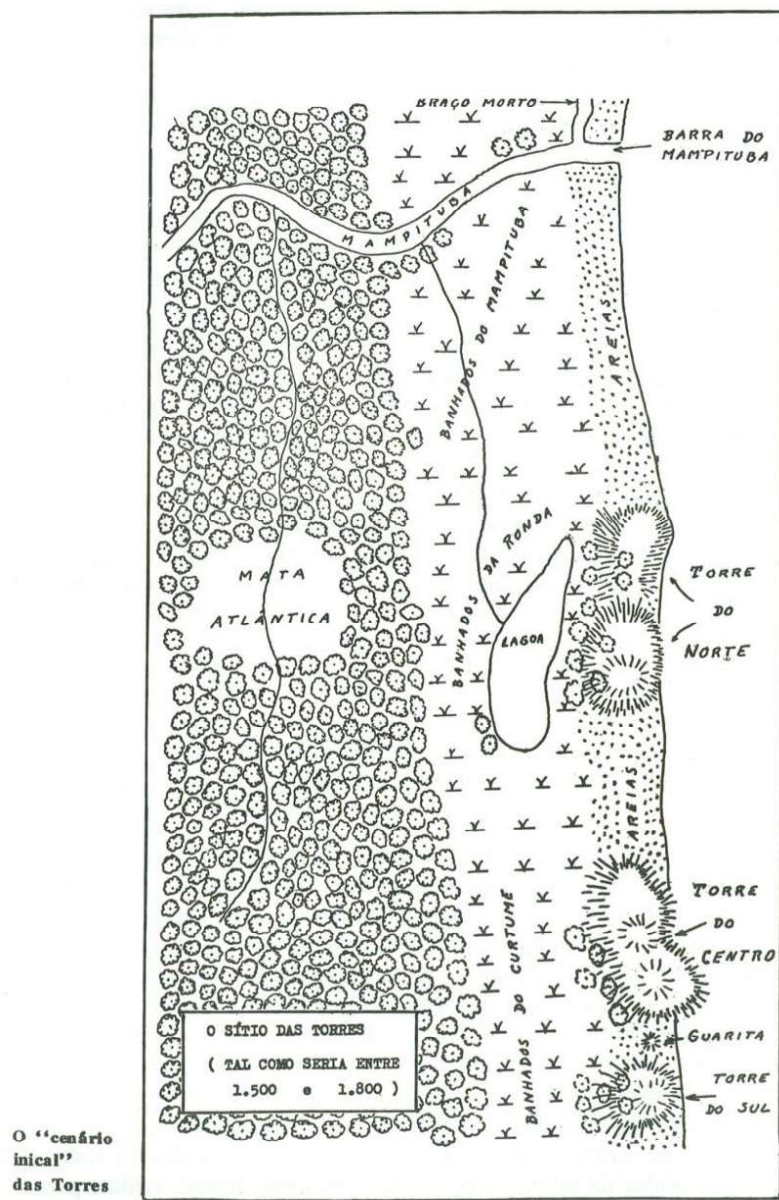
6 Órgão do governo destinado a preservação patrimonial do estado. Realiza tombamento de bens edificados, centros históricos, bens móveis e tombamentos ambientais.

Primeiros Passos: uma perspectiva histórica da cidade de Torres/RS

Para que possamos entender a relação da comunidade com a Igreja Matriz de São Domingos é preciso recuar no tempo e fixarmo-nos em uma época em que este território, - afortunado por suas formações rochosas -, servia de acesso para aqueles que desejassem pisar em solo rio-grandense.

Conhecida por suas falésias naturais, a cidade gaúcha que leva o nome de Torres - denominação dada por conta de suas paisagens -, exerce geograficamente a função de divisa entre o estado de Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS). Sua localização despertou inúmeros acontecimentos que refletem em sua historicidade local, incidindo hoje na moção por uma preservação patrimonial. A região, como dita anteriormente, é composta por três torres denominadas Torre Norte, Torre do Meio e Torre Sul, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 – Mapa Sítio das Torres



Fonte: RUSCHEL, 1995, p. 8.

Até chegar na denominação atual, Torres recebeu diversas nomenclaturas. No passado, as cidades costumavam ser reconhecidas por suas paisagens naturais ou pelas pessoas que ali fizeram história. Em outubro de 1815, o Bispo do Rio de Janeiro, Dom José Caetano da Silva Coutinho⁷, passou por Torres durante uma viagem pastoral ao Sul do país. Alojado na única casa situada no Sítio das Torres, propriedade do Alferes Manoel Ferreira Porto, o Bispo voltou para pernoitar no regresso da viagem. Licenciado pela Universidade de Coimbra, o sacerdote religioso, com grande trajetória eclesial e intelectual, foi uma figura de grande importância para a história e o desenvolvimento da cidade.

Recebido naquela ocasião pelo Coronel João Maria Xavier de Brito, representante pessoal do Gabinete do Governador da Capitania (RUSCHEL, 1995), o Bispo, por exercer jurisdição em todo o Sul do país, e sensibilizado pelas queixas dos poucos fiéis que ali viviam sobre o desamparo religioso que prevalecia na região, autorizou no dia 4 de outubro de 1815 a construção de uma capela com a finalidade de consolidar a fé numa região onde pudesse servir e reunir as 400 almas divididas na região e nos bairros vizinhos (Colônia de São Pedro, Morro Azul, Três Forquilhas, Itapeva etc.).

A concessão para a construção da capela, no entanto, exigiu a estruturação de um núcleo urbano, dessa maneira, parte da área territorial da Igreja seria destinada para fins públicos. Segundo relatos de Auguste Saint-Hilaire, as obras da tão esperada Igreja começaram em 1820, no dia 5 de junho, cinco anos após a sua autorização, localizada na Torre Norte, junto a casa de Alferes Manoel Ferreira Porto, fundador da cidade de Torres.

Construída em frente à Lagoa do Violão, de costas para o mar, a fachada luso-brasileira com trato barroco não foi construída com torre, como se vê na primeira pintura atribuída à Igreja (Figura 3). Inaugurada em 24 de outubro de 1824, a Igreja recebeu sua torre somente em 1898, 74 anos após sua fundação, por ordem do padre Giuseppe Lomonaco⁸.

Figura 3 – Primeira imagem da Igreja São Domingos das Torres



Fonte: TIMM, 2015, doc. eletr.

7 Nascido na cidade de Caldas da Rainha (Portugal), no dia 13 de fevereiro de 1768, tornou-se bispo do estado do Rio de Janeiro no ano de 1805. Dois anos após a sua designação, aconteceu a cerimônia de sagração como bispo da Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro na Igreja São Domingos, em Lisboa. Foi deputado geral e senador do Império do Brasil durante os anos de 1826 a 1833. (BOLETIM DA BIBLIOTECA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1968)

8 Nascido em “Aieta, uma pequena comunidade do Sul da Itália, ordenou-se padre em 1873. Em 24 de janeiro de 1894 ele recebeu autorização para migrar para o Brasil, chegando em Torres naquele ano, na condição de vigário.” (ADAMS FILHO, 2014, p. 73)

Sobre o nome da Igreja - São Domingos das Torres - existem duas hipóteses. A mais conhecida é que a Igreja tenha recebido o nome em homenagem ao Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, sendo esse o nome da Igreja na qual recebeu sua sagração, na cidade de Lisboa. A outra relaciona uma homenagem indireta a Domingos Antônio, titular do Registro das Torres, apoiador da construção da Igreja. Devido sua importância, São Domingos de Gusmão tornou-se o padroeiro da cidade, comemorando-se o feriado municipal no dia 8 de agosto, dia do nascimento do santo.

Poucos habitantes hoje sabem que a Igreja foi a causa e não a consequência para o desenvolvimento do núcleo urbano da cidade. Muitas figuras estiveram presentes na implementação e consolidação da Igreja, mas não podemos deixar de lado uma figura importante neste processo, o Tenente Coronel Francisco Paula Soares de Gusmão - atento à semelhança do nome com o padroeiro. Nos autos enviados ao Visconde de São Leopoldo, intitulados “Memória das Torres”, mencionados na obra bibliográfica de Nelson Adams Filho (2014), vemos o interesse e o compromisso de Paula Soares com a promoção da Igreja, ou seja, ele “[...] *via na Igreja a capacidade de atrair pessoas e povoar Torres*” (Idem, p. 72).

Não há dúvida, dia de Natal de 1820 tivemos a 1ª Missa nas Torres, que muito animou e promoveu a sua população, chamando por ali muitas famílias que se vieram estabelecer, as quais eu agasalhava, dando-lhes terras para se arrancharem, e ajudando com os presos a fazer com que esse sistema fui marchando, de modo que o resultado de semelhante medida correspondeu a nossa expectativa, que de 300 almas que havia nas Torres em 4 anos excedeu depois a mil ... (SOARES, 1844 apud ADAMS FILHO, 2014, p. 72)

Assim, nasceu um núcleo populacional, titulado “Capela de São Domingos das Torres”, atribuído ao grupo de moradores dispostos a permanecer perto da Igreja e foi ganhando mais espaço com o passar dos anos (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Torres em seus primórdios



Fonte: MUSEU..., [s.d.]

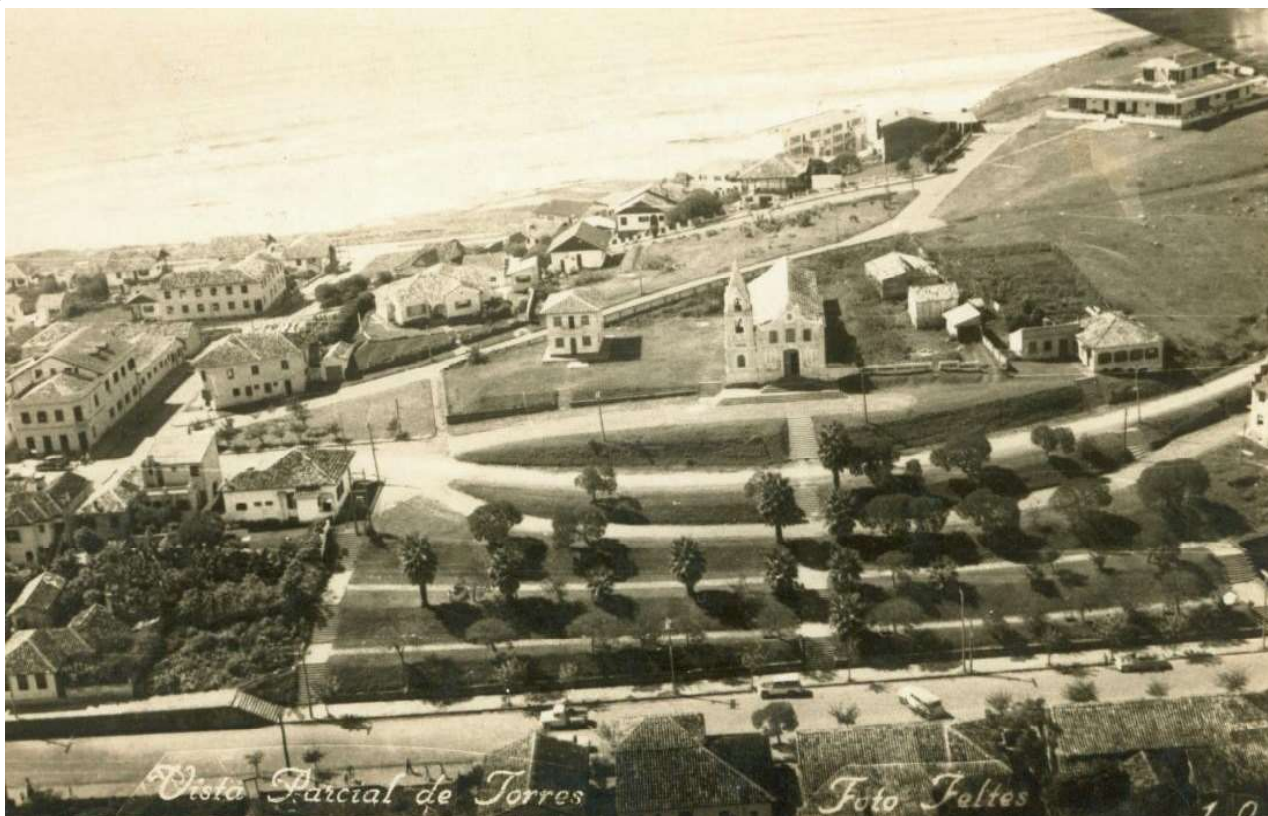
Figura 5 – Torres, 2020



Fonte: Google MAPS, 2020, doc.eletr.

Durante muito tempo e, sobretudo, no início da consolidação da cidade (Figura 6), a Igreja desempenhou um papel cívico nas suas atividades oficiais. Mantinham-se nela os registros de nascimentos, casamentos e óbitos, assim como a centralização das eleições. O cemitério católico era público e as reformas necessárias da capela foram financiadas pelo Estado. “A Capelania de São Domingos só se tornou oficial em 13 de janeiro de 1826. Antes disso, e mesmo por algum tempo depois, o capelão⁹ foi “congruado” (isto é, mantido pago) diretamente pelos moradores” (RUSCHEL, 1995, p. 53).

Figura 6 – Desenvolvimento da cidade



Fonte: MUSEU ..., [s.d.]

Em 1855, a capela deixou de atender às necessidades locais, pois a sua construção tornou-se pequena e dava sinais de fragilidade. Desta forma, o Pe. Manoel Carlos Ayres de Carvalho decidiu reformar a sede. Segundo o então carpinteiro Fortunato Martins de Souza e o pedreiro Antônio Kreuz Borges, os gastos com a obra foram estimados em 1.878 mil réis e 984 mil réis, respectivamente (RUSCHEL, 1995).

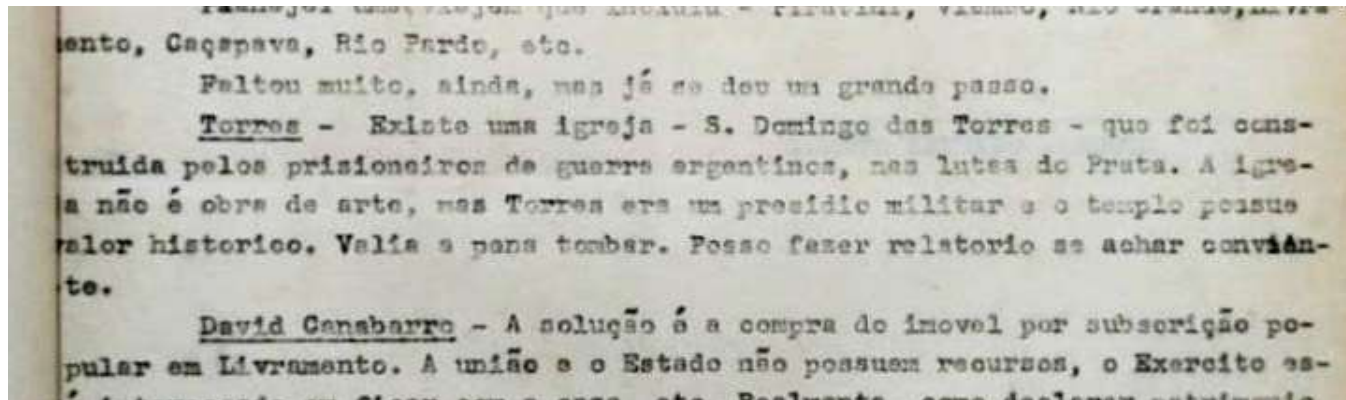
Através de registro documental identificou-se, em 1953, quase um século depois, a intencionalidade em tombar a Igreja Matriz como patrimônio histórico da cidade. Na correspondência de Dante de Laytano¹⁰,

⁹ Figura religiosa responsável pelas atividades eclesiais de uma capela.

¹⁰ Ocupou o cargo de Juiz Municipal de Torres, Dante de Laytano é referido no próprio campo, com produção intelectual voltada principalmente para a História e o Folclore. Recebeu honrarias e ocupou cargos honoríficos, além de posições políticas e profissionais de destaque. Participou na criação da Comissão Gaúcha de Folclore em 23 de abril de 1948, da qual foi o primeiro presidente. Foi também Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no Seminário Maior de Viamão, na Universidade de Caxias do Sul e na Faculdade Palestrina, no qual mantinha um Curso de Especialização em Folclore. (BARCELLOS, 1997)

então diretor do Museu Júlio de Castilhos¹¹, dirigida no dia 11 de fevereiro a Rodrigo de Melo Franco de Andrade¹², diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sobre o potencial histórico da Igreja, o que a qualificaria como possível bem tombado. (Figura 7).

Figura 7 – Correspondência entre Dante de Laytano e Rodrigo de Melo Franco de Andrade¹³



Fonte: MUSEU..., 1953.

Em 19 de maio do mesmo ano, Dante de Laytano trocou correspondência com o professor e historiador Ruy Rubens Ruschel (Figura 8), ainda com o objetivo de legitimar a Igreja Matriz São Domingos um patrimônio histórico da cidade.

Até o presente momento, a Igreja não obteve o tombamento em nível nacional. No entanto, tornou-se mais frequente a consciência de que a mesma agregou não só valores religiosos, mas também históricos. Nos dias 19 a 27 de outubro de 1974 foram realizadas as cerimônias de comemoração ao sesquicentenário da Igreja Matriz São Domingos. Dividida em quatro setores — religioso, cultural, social e esportivo — o evento contou com uma exposição (Figuras 9 e 10) que contemplou objetos antigos da capela, além de móveis, pinturas de Torres, fotografias, jornais e documentos históricos da cidade. Na área cultural também foi realizado um concurso literário com alunos e uma palestra ministrada no Centro de Cultura e Assistência Social pelo prof. Dante de Laytano.

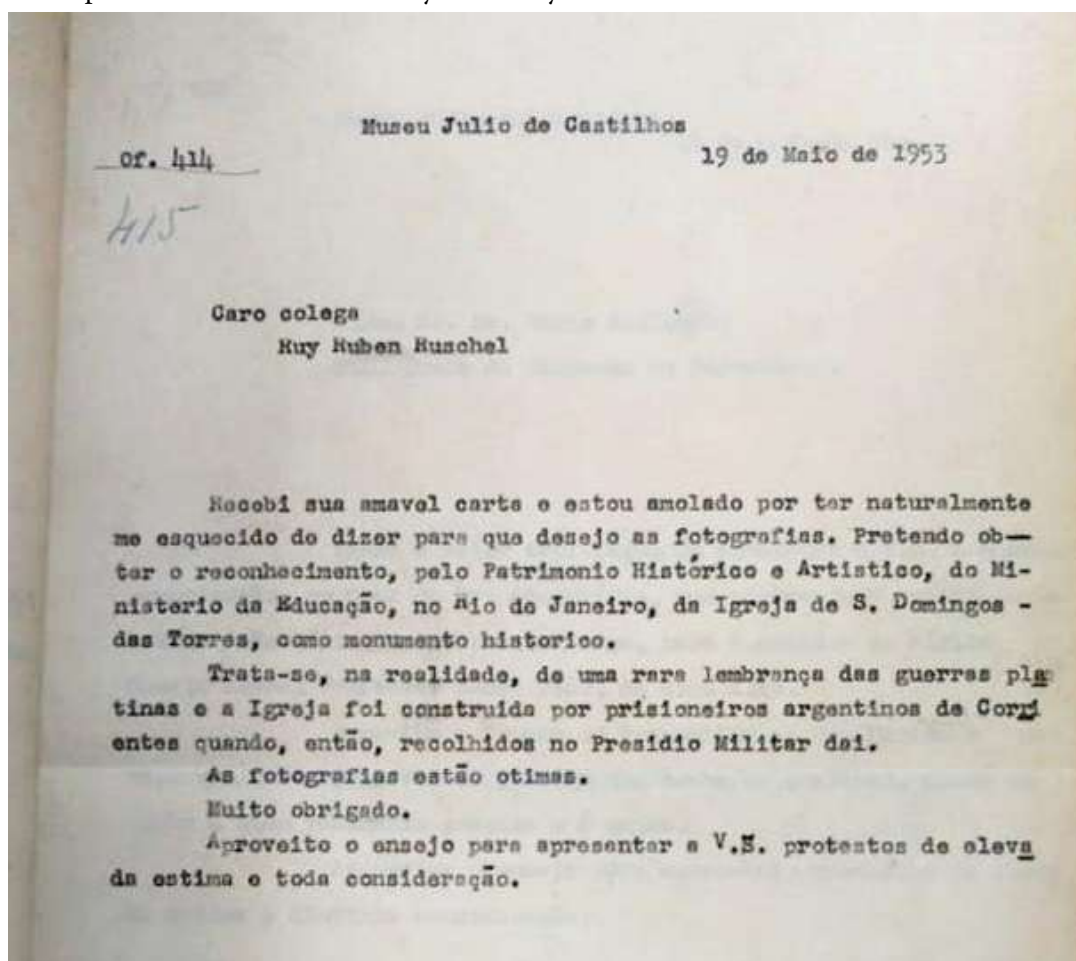
Segundo reportagem publicada no jornal Correio do Povo, de Porto Alegre¹⁴, a mostra foi visitada por mais de 2,5 mil visitantes. Esta celebração e os dados daí resultantes dão indícios de um interesse da comunidade em reconhecer a Igreja como um importante patrimônio da cidade e templo de construção coletiva, bem como o empenho por parte da congregação em envolver os fiéis, por intermédio da significação de objetos.

11 O Museu Júlio de Castilhos é o mais antigo museu do Rio Grande do Sul, fundado em 1903. o MJC Na década de 1950 passou a dedicar-se exclusivamente a salvaguarda do acervo histórico de caráter regional. Para mais informações, disponível em: <http://www.museujuliodecastilhos.rs.gov.br/>. Acesso em 25 jan 2021.

12 Rodrigo Melo Franco de Andrade foi um advogado, jornalista e escritor brasileiro. Assumiu a direção do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) em 1937 e durante 30 anos dedicou-se à preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, s.d.).

13 Transcrição, com adaptação ortográfica: Existe uma igreja - S. Domingo das Torres - que foi construída pelos prisioneiros de guerra argentinos, nas lutas do Prata. A igreja não é obra de arte, mas Torres era um presídio militar e o templo possui valor histórico. Valia a pena tomar. Posso fazer um relatório se achar conveniente.

14 Recorte de reportagem anexada a um documento no Livro Tombo da Paróquia de Torres.

Figura 8 – Correspondência entre Dante de Laytano e Ruy Rubens Ruschel¹⁵

Fonte: MUSEU..., 1953.

Figuras 9 e 10 – Exposição Sesquicentenário Igreja Matriz São Domingos

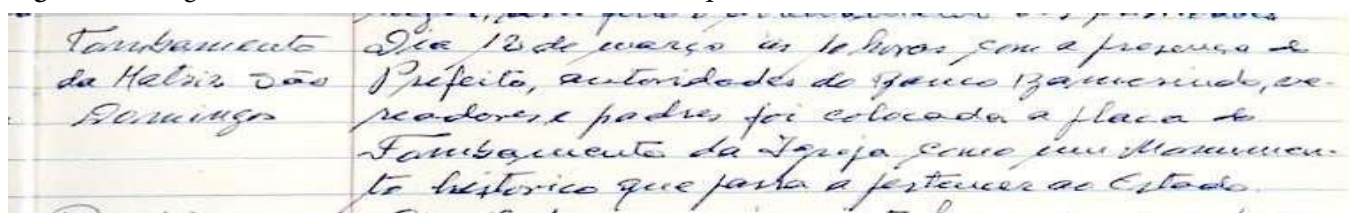
Fonte: PARÓQUIA..., 1978, p. 32.

¹⁵ Transcrição, com adaptação ortográfica: Caro colega Ruy Ruben Ruschel. Recebi sua amável carta e estou amolado por ter naturalmente me esquecido de dizer para que deseje as fotografias. Pretendo obter o reconhecimento, pelo Patrimônio Histórico e Artístico, do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, da Igreja de S. Domingos das Torres, como monumento histórico. Trata-se, na realidade, de uma rara lembrança das guerras platinas e a Igreja foi construída por prisioneiros argentinos de Corrientes quando, então, recolhidos no Presídio Militar daí. As fotografias estão ótimas. Muito obrigado. Aproveito o ensejo para apresentar a V.S. protestos de elevada estima e toda consideração.

Embora haja vestígios desde a década de 1950 de um potencial reconhecimento enquanto patrimônio cultural, só em 3 de fevereiro de 1983 a Igreja Matriz São Domingos recebeu o tombamento em nível estadual, pelo órgão de proteção patrimonial, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE)¹⁶. Registrada no dia 7 de fevereiro de 1983 no Livro Tombo Histórico, é possível acessar o arquivo através do número 0316325.00-SCDT/82 ou pelo site do IPhAE¹⁷.

De acordo com a página 20 do segundo Livro do Tombo da Paróquia¹⁸ (Figura 11), referente ao bispado de Caxias do Sul - naquela época a Igreja ainda pertencia à Mitra Diocesana de Caxias do Sul - em 12 de março do mesmo ano, contando com a presença de autoridades local, uma placa comemorativa foi fixada, identificando-a como patrimônio histórico registrado pelo estado.

Figura 11 - Registro de tombamento Livro Tombo da Paróquia¹⁹



Fonte: 2º Livro Tombo Paróquia São Domingos, 1979.

A Igreja decaiu com o passar dos anos, e por conta disso, algumas infiltrações acabaram fragilizando as estruturas do edifício. Em 2009, durante uma noite de forte chuva, a parede do lado esquerdo da nave²⁰(Figura 12), composta por barro e pedra, ruiu devido ao grande acúmulo de água.

Foi um episódio que afetou a comunidade local pelo sentimento de perda, ainda que parcial, da Igreja. Afastada de sua função primária por alguns anos, valores vinculados, como o patrimônio histórico, tornaram-se ainda mais visíveis, o que favoreceu um processo de restauração que durou por sete anos. Entregue à comunidade em 2017, várias relações estão se estabelecendo com a Igreja hoje.

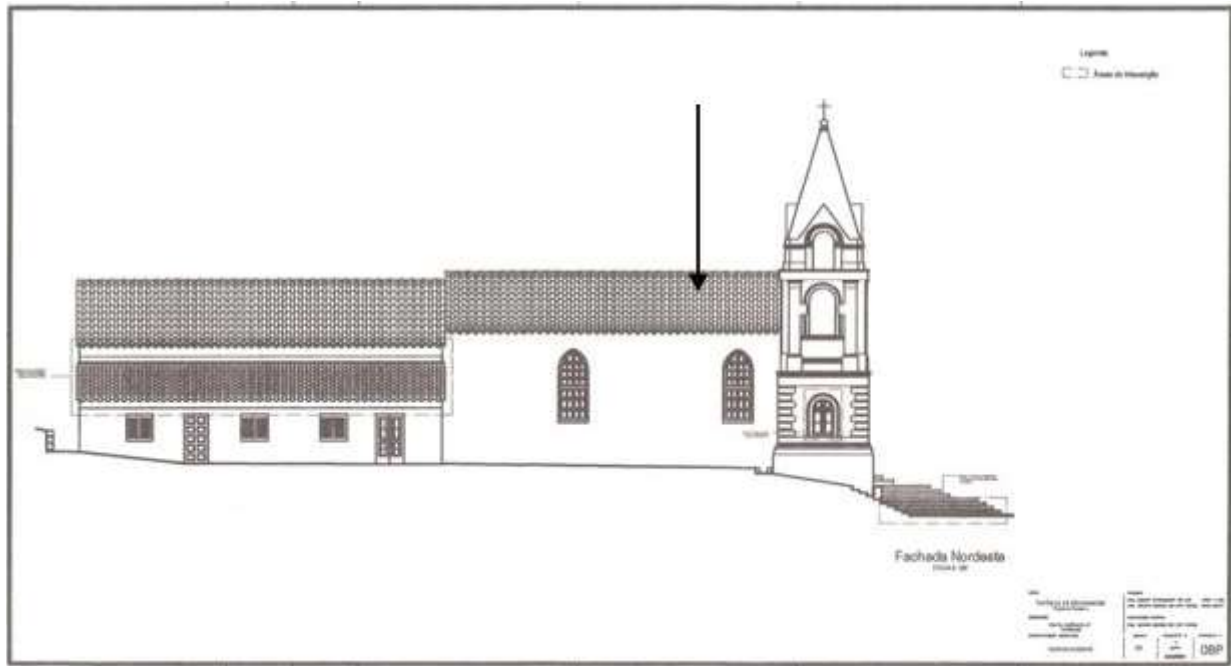
16 Durante as pesquisas realizadas no próprio IPhAE, encontrou-se um material escasso referente ao processo de tombamento, podendo esse ser aprofundado em futuras pesquisas.

17 Para mais informações: <http://www.iphae.rs.gov.br>. Acesso em: 22 dez 2020.

18 Livro de registro para atividades paroquiais.

19 Transcrição, com adaptação ortográfica: Tombamento da Matriz São Domingos - Dia 12 de março às 10 horas, com a presença do Prefeito, autoridades do Banco Bamerindo [sic], vereadores e padres foi colocada a placa do Tombamento da Igreja como um monumento histórico que passa a pertencer ao Estado.

20 Nas igrejas a nave corresponde ao corpo central longo e estreito, de maior metragem do que as alas que o ladeiam. (ECIVILNET, s.d., doc. eletr.)

Figura 12 – Localização do desmoronamento

Fonte: MUSEU..., [s.d.].

Igreja Matriz São Domingos: construindo relações

A patrimonialização de espaços ainda empregue pela sociedade reflete os laços afetivos estabelecidos e o interesse na sua preservação. Porém, as práticas e aplicações sociais - principalmente no patrimônio religioso - nem sempre abrangem o todo, e a identificação com esses espaços acaba por fragmentar um determinado coletivo.

Esses usos sociais correspondem aos modos socialmente construídos para a participação da sociedade em geral na identificação, conservação, estudo e difusão dos bens que configuram a sua identidade. Isso implica que a população se sinta identificada com os elementos a serem conservados, que se reconheça neles, para que eles se tornem, de fato, representativos dela e para ela. O reconhecimento do pertencimento coletivo dos bens acarreta esforços comuns para sua conservação e, quanto mais coletivo e representativo eles forem, mais protegidos estarão. (ZANIRATO, 2009, p. 139)

Para preservar a memória social associada à Igreja Matriz São Domingos, tratou-se, em primeiro lugar, da preservação estrutural do edifício. Foi necessário, portanto, preparar um projeto de reforma para combater e reverter os danos causados pelo tempo e pela natureza. Conservar um patrimônio histórico, segundo Silvia Zanirato (2009), é uma forma de garantir testemunho, não apenas de seu valor arquitetônico, mas também os valores culturais, simbólicos e representatividade técnica e social.

O projeto de restauração começou em 2004 e pelo menos três versões foram aprovadas desde então. As propostas passavam pela Prefeitura Municipal de Torres e então eram encaminhadas para a aprovação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE). Iniciada em 2010, sua obra foi concluída no dia 8 de abril de 2017, quando a Igreja foi novamente entregue à comunidade. De acordo com o Padre Leonir Alves:

Eu enxergo um carinho muito grande e a história da Igreja está refletida na história das pessoas, porque a gente ouve muito ‘ah meu pai casou lá, ‘minha mãe foi batizada naquela Igreja’ e inclusive a gente vê que depois da abertura do restauro, houve muita procura, principalmente por essa parte de sacramento, batismo, casamento, por conta dessa questão histórica. (ALVES, 2018, inf. verbal)

A cerimônia de reabertura da Igreja Matriz São Domingos foi realizada no dia 8 de abril de 2017 (Figura 13) e impactou o cenário local e estadual. Por se tratar de um projeto de restauração que durou sete anos, o evento despertou a expectativa da comunidade, ainda que a Igreja tenha aberto suas portas anteriormente, para as missas de verão daquele mesmo ano.

Figura 13 – Reinauguração Igreja Matriz São Domingos

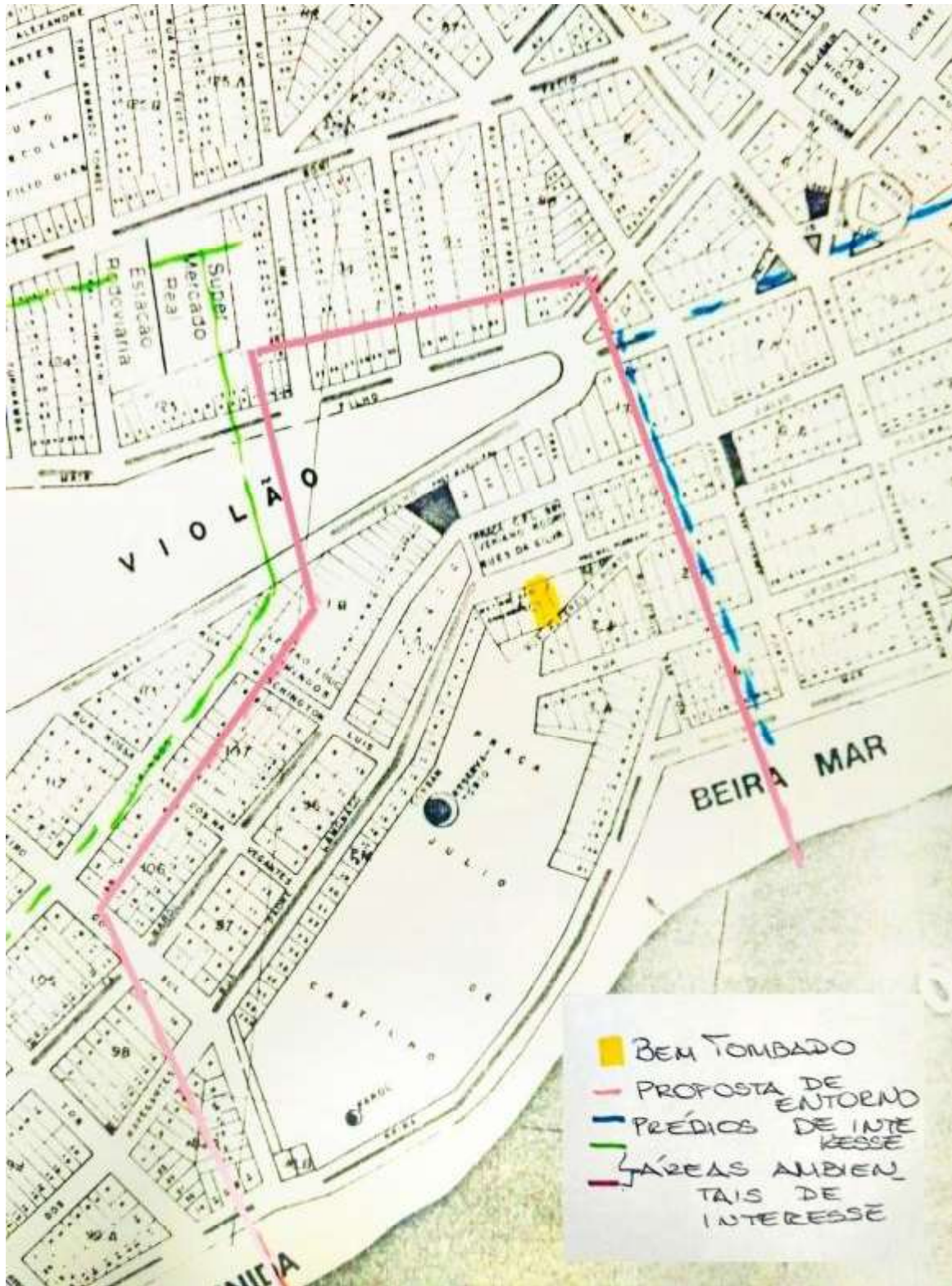


Fonte: Jornal Rota do Mar, 2017. doc. eletr.

Além do tombamento e da restauração da Igreja, executou-se outra medida para preservar a memória atual da cidade de Torres. A implementação da Lei nº 2.450, de 27/11/1989, sancionada e promulgada pela Câmara Municipal de Torres, dispõe sobre a proteção do entorno da Igreja Matriz São Domingos de forma a preservar a arquitetura e os traços arquitetônicos da época. A lei, promulgada seis anos após seu tombamento, permite a Prefeitura Municipal de Torres a analisar, autorizar e impedir a construção na região, assegurada pelas regras estabelecidas.

Na maior parte das cidades brasileiras, as igrejas são os edifícios dominantes na visão urbana e o papel de referência no que diz respeito a localização. As igrejas costumavam ser construídas nos pontos mais altos, estabelecendo laços estreitos com a comunidade. Por essa razão, as igrejas atraem inúmeros turistas que estão em busca pela representação da identidade cultural da região.

Figura 14 – Mapa delimitação de proteção ao entorno



Fonte: IPHAE, s.d.

É esse Patrimônio que, pontuado pelas edificações de valor intrínseco [e extrínseco], quer como peças históricas, quer como monumentos de arquitetura, se constituem na fraseologia urbana capaz de permitir a leitura e o consequente entendimento da cidade. Capaz, também, de compor, por características próprias, aquilo que vem continuamente formando consenso preservacionista: “a imagem da cidade”; aquilo que permite personalizá-la quando, pelas peculiaridades do seu conjunto, se eleva ao nível de documento da identidade urbana. (CURTIS, 2003, p. 349)

O patrimônio, enquanto agente participativo do desenvolvimento, está diretamente envolvido com sua comunidade. Varine (2013) defende a ideia de um patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Para o autor o patrimônio está ligado ao valor qualificado, assim como a ligação com o tempo, retratando o passado, presente e futuro.

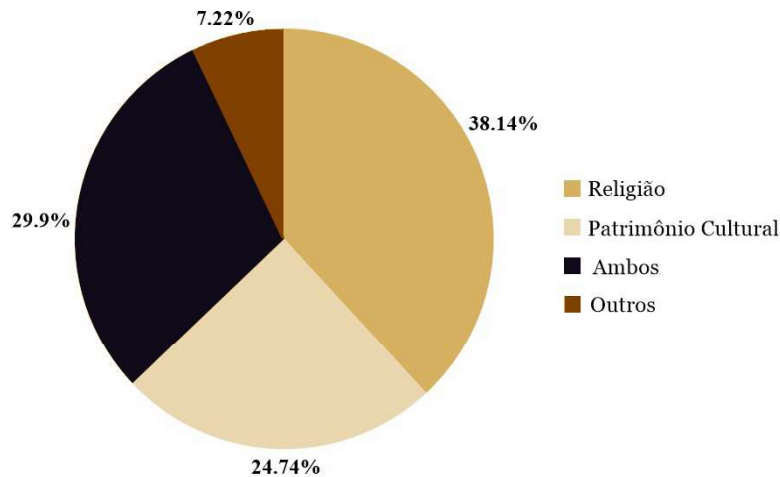
Um território é o produto de toda uma história natural e humana, e as condições do desenvolvimento, em particular os conflitos que o agitarão, decorrerão dessa história. Todo território determinado sem o respeito por seus componentes patrimoniais não poderá servir de base para um desenvolvimento local e sustentável. (VARINE, 2013, p. 19)

A identidade individual e/ou coletiva é baseada na memória e, portanto, vinculadas ao contexto, uma vez que a atribuição de valor dado a materialidade é correspondente ao jogo de interesse e identificação. Maroevic (1997, fl. 3) acredita que “A memória do patrimônio é um estímulo que nos vem do mundo dos objetos que nos rodeia”. Para ele, esta memória não pode ser facilmente identificada, há “[...] combinações de dados científicos e culturais” (Ibidem, fl. 3) no qual está estruturada, colocando em jogo o “[...] contexto físico social, condicionamentos sociais, circunstâncias históricas e uma quantidade de outras condições que estimulam o processo de gêneses de conotações e associações” (Ibidem, fl. 3).

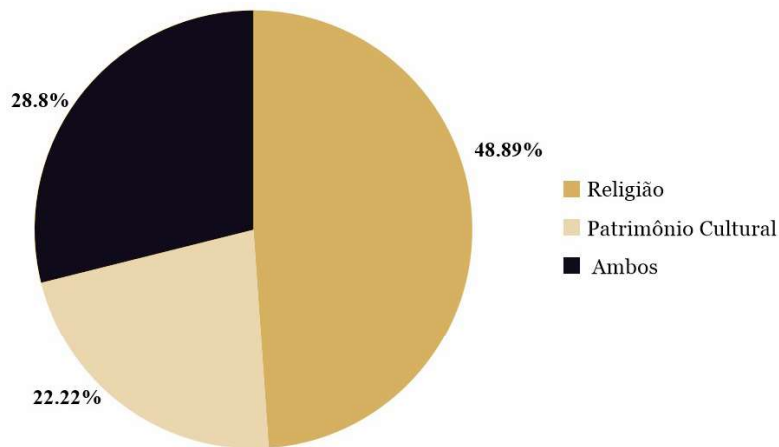
Caberia, nessa perspectiva, identificar as aproximações do conceito de fato museal nas dinâmicas ocorridas na Igreja Matriz São Domingos. Para Waldisa Guarnieri o fato museal compreende “[...] a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual ele tem o poder de agir[...].” (GUARNIERI, [1981] 2010, p. 123). Assim, a fim de identificar indícios da relação que se estabelece entre a comunidade frequentadora, visitantes ocasionais e a Igreja Matriz São Domingos, aplicamos após um ano da Igreja ter retomado suas atividades de rotina um questionário, com duas perguntas objetivas e uma dissertativa, para compreender os possíveis vínculos estabelecidos entre homem [comunidade frequentadora ou visitantes ocasionais]-objeto [igreja].

A pesquisa ficou disponível entre o período de 4 a 28 de outubro de 2018, com um total de 97 respostas. No levantamento geral, a religiosidade ainda é a representação mais expressiva vinculada a Igreja (Gráfico 1), porém, nas respostas coletadas, a menção do termo patrimônio associada à conscientização cultural e a preocupação em preservar sua história foi recorrente, especialmente considerando a categoria “ambos” (frases com menção à religiosidade + afirmação de patrimônio cultural da cidade).

Ao subdividir as respostas entre moradores e visitantes identificamos que o número de respostas correspondente à religiosidade é elevado nas respostas disponibilizadas pelo primeiro grupo (Gráfico 2). O resultado é efeito de sua função primária e da associação emocional. Em grande parte das respostas dos moradores as práticas eucarísticas apresentaram-se de forma muito clara, como chaves de uma conexão: “Casei aqui, batizei meus filhos e até hoje venho rezar por todos nós” (RESPOSTA 11, 2018, fl. 1); “A Igreja São Domingos foi e é marcante em minha vida e minha fé. Aqui eu fui batizada, crismada, fiz a primeira comunhão e casei nesta linda e santa Igreja.” (RESPOSTA 16, 2018, fl. 1); b “Faz parte da minha infância e adolescência. É uma Igreja onde me sinto acolhida, e sinto muita paz. Ela é linda, acolhedora e um convite à oração.” (RESPOSTA 19, 2018, fl. 1).

Gráfico 1 – Gráfico Geral

Fonte: Dasautoras, 2018.

Gráfico 2 – Gráfico Moradores

Fonte: Dasautoras, 2018.

Ainda dentro deste grupo, a Igreja como documento histórico também é um fator em evidência:

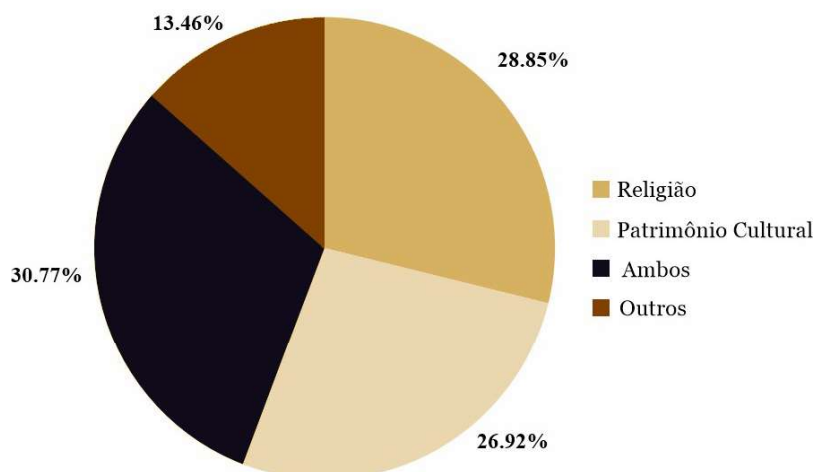
Para mim a Igreja São Domingos tem um valor muito grande, não só pelo fato de ser uma Igreja histórica, fazendo com que as pessoas tenham oportunidade de ver hoje algo que faz parte de nosso passado, servindo de estímulo para podermos entender nosso presente e ter coragem para os desafios do futuro, como também pelo valor de termos um lugar onde podemos fazer nossas orações e comemorações religiosas, tão necessárias nos dias de hoje. (RESPOSTA 43, 2018, fl. 1)

As igrejas, templos e imagens sacras dividem cada vez mais o seu espaço de religiosidade, com o papel de se virem como um testemunho histórico. Depoimentos como, “Razão de existir a cidade de Torres. Um povo que não conhece sua história, sua origem, está fadado a desaparecer” (RESPOSTA 26, 2018, fl. 1) e “É um patrimônio histórico, que nos enriquece pela grandiosa valia” (RESPOSTA 30, 2018) demonstram o interesse da comunidade frequentadora em recuperar esse passado e torná-lo ativo. Esse recorte de moradores demonstrou ser força vital para a valorização da Igreja Matriz São Domingos enquanto marco de localização e de pertencimento:

O ponto de partida tácito é que o patrimônio é *construção social e, assim sendo, torna-se necessário considerá-lo no contexto das práticas sociais que o geram e lhe conferem sentido*. [...] Cabe indagar, portanto, qual é o objeto dessa prática, quais são os sujeitos que a põem em marcha, em que condições e quadro institucional isso ocorre, e que valores ela, por sua vez, mobiliza. Essas questões exigem obviamente que a reflexão seja fortemente referenciada pela pesquisa empírica. (ARANTES, 2006, p. 426)

No grupo dos visitantes (Gráfico 3) a visão patrimonial, seja em sua categoria própria, ou paralela com a religião, está veiculado a sua historicidade.

Gráfico 3 – Gráfico Visitantes



Fonte: Das autoras, 2018.

De acordo com os depoimentos abaixo, podemos identificar que a palavra “marco” é frequentemente usada nas declarações desta seção: “*Marco para história do Brasil*” (RESPOSTA 68, 2018, fl. 1); “*É um marco para a história e a base para formação humana*” (RESPOSTA 69, 2018, fl. 1) e “*Um marco histórico na vida dos torrenses e visitantes*” (RESPOSTA 72, 2018, fl. 1). Com base nisso, reconhecemos que a Igreja Matriz São Domingos é para o visitante, seja ele turista ou veranista, um símbolo da representação cristã por meio de sua temporalidade. A historicidade presente no local auxilia na apropriação de uma história muitas vezes desconhecida para eles. Assim,

Através do turismo, o indivíduo pode exercitar um olhar que, ao se identificar com a cultura e religião do outro, no mesmo movimento se diferencia dele, reforçando seu próprio locus indenitário. Pelo seu caráter de consumo, o turismo proporciona uma experiência única, onde o sujeito pode compor vários sentidos, religiosos, históricos, culturais, resignificando-os em busca de uma satisfação pessoal. (CAMURÇA; GIOVANNINI JR., 2003, p. 9)

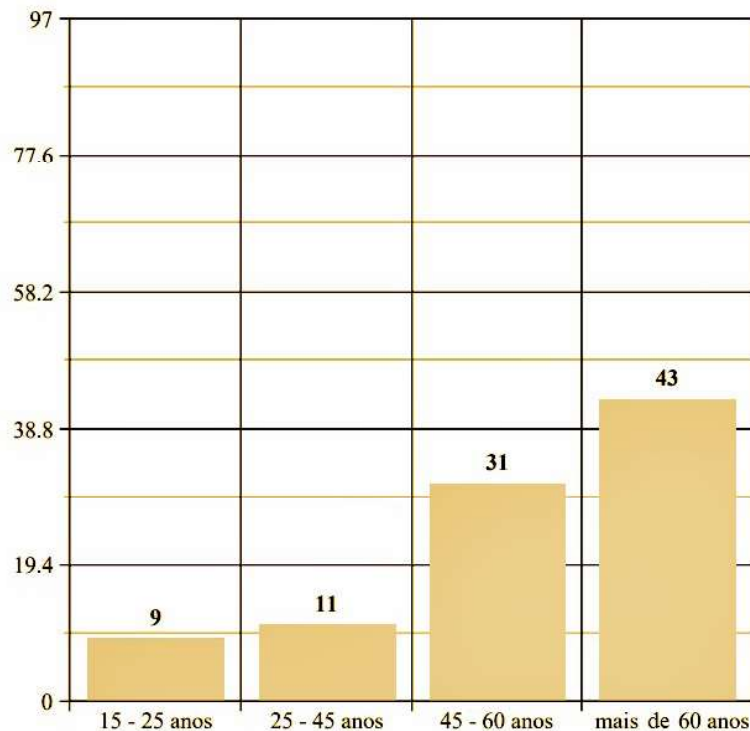
Identifica-se, no recorte dos visitantes, a Igreja Matriz São Domingos como marco territorial, cultural e histórico situado no espaço público, resultado do tempo-espaço. A prática do tombamento pode ser um elemento que reforça sua identificação enquanto bem cultural:

As motivações que justificam e fundamentam a aplicação dos institutos jurídicos do tombamento de artefatos e do registro de bens imateriais pelo poder público agregam a esses bens novos valores e sentidos, inclusive legitimando-os (e, por implicação, preterindo outros) ao proclamá-los como pertencentes à esfera da cultura pública oficial. [...] Na realidade, a prática da preservação não legitima simplesmente sentidos socialmente atribuídos pela cultura comum e cotidiana a determinados aspectos da cultura, mas põe em prática os critérios, as concepções e os valores que são defendidos por técnicos e especialistas (arquitetos, urbanistas, historiadores, arqueólogos, antropólogos e geógrafos, entre outros)(ARANTES, 2006, p. 427)

Arantes (2006) chama a atenção para indagação de quais são os sujeitos que põem em marcha a significação do objeto em questão. O autor reforça que a memória é sustentada pelos atores sociais, em redes de relações instituídas, já o patrimônio é uma realidade atribuída pela força do Estado. Portanto, o que os questionários revelam é a conjunção dos usos comunitários e o resultado do interesse público na construção de representações simbólicas.

Mas chama atenção como a memória pessoal e de comunidade religiosa foi um elemento associado ao patrimônio no questionário. A associação pode estar relacionada à faixa etária que mais contribuiu para a pesquisa: a maior interação enquadra-se na categoria de “mais de 60 anos”, seguida dos participantes de meia-idade (Gráfico 4). Para muitas pessoas das duas faixas etárias citadas a prática de ir à igreja, seja para a celebração eucarística semanal, ou como um templo de oração e introspecção, era muito mais comum no passado do que é hoje. Os hábitos adquiridos na infância geralmente perpetuam, refletindo no resultado obtido nessa pesquisa ao observarmos respostas que articulam a trajetória de vida com a Igreja.

Gráfico 4 – Gráfico Faixa Etária



Fonte: Das Autoras, 2018.

Quando optamos por preservar o patrimônio, optamos por preservar toda uma memória. A Igreja Matriz São Domingos não só simboliza a religiosidade, mas também restaura e conta a história de Torres através de suas paredes, provando que a união da fé e de sua comunidade frequentadora transcende a barreira do tempo.

É assim que a musealidade, uma característica que se identifica como uma informação possível de qualidades do passado e como um valor que pode ser comunicado a qualquer momento do presente, de forma apropriada, se ráde grande ajuda a verificar os planos de memória que deverão ser preservados. Em certas situações, existe ainda uma relativização do panorama da memória, capaz de ser comunicada no processo de criação da memória coletiva como valor social. (MAROEVIC, 1997, fl. 7)

Diante disso, a perspectiva de musealização desse espaço ganha cada vez mais força dentro do cenário local. Durante a festa de celebração do padroeiro da cidade no ano de 2018, lançou-se o projeto da elaboração de um memorial que será instalado dentro da própria Igreja. Nessa perspectiva, identificamos que é de interesse da comunidade frequentadora em participar diretamente dessa consagração, através da representação material. Para entender o processo de musealização, Hugo Guarilha, Tereza Scheiner e Priscila Faulhaber (2012) explicam:

Nesta possibilidade de museu que se realiza no aqui e agora, mental, afetiva e, talvez, sensorialmente, não é só a relação espacial do museu tradicional que é colocada em xeque, mas também a relação com o tempo. A presentificação de memórias é uma recriação de mundo, mas não tal como ele se apresentou ao sujeito cognoscente, e sim a partir da perspectiva do indivíduo no tempo presente. [...] Não a dinâmica de memória ela mesma, mas a identificação do elemento que é capaz de desencadear o processo, como uma percepção transversal ao jogo de presentificação das idéias, uma percepção distanciada, crítica. Musealidade, então, seria o potencial para se desencadear a memória, potência que existe não no objeto, mas em sua relação com o sujeito. (GUARILHA; SCHEINER; FAULHABER, 2012, p. 147-148)

A intencionalidade já foi estabelecida, cabe agora a Igreja, enquanto instituição, e a comunidade frequentadora, enquanto agente participativo, estabelecer os parâmetros necessários para a implementação e consolidação do projeto - processo desacelerado em decorrência da pandemia de Covid-19. A expressão humana, resultado de uma trajetória afetiva e cultural, é fundamental para o processo de musealização, e é através desta identificação, que os museus seguem sendo instrumento de conservação, pesquisa e comunicação, em favor da sociedade.

Como conclusão, importa reiterar que não cabe aos museus serem depositários dos símbolos litúrgicos da identidade sagrada deste ou daquele grupo, e cuja exibição deve induzir todos à aceitação social dos valores implicados. Cabe, isto sim - já que ele é o espaço ideal para tanto -, criar condições para conhecimento e entendimento do que seja identidade, de como, por que e para que ela se compartimentae suas compartimentações se articulam e confrontam quais os mecanismos e direções das mudanças e de que maneira todos esses fenômenos se expressam por intermédio das coisas materiais. (MENESES, 1993, p. 214)

Há muito ainda a se descobrir sobre a Igreja. Espaços museológicos servem com o propósito de interrogar, são formuladores de opiniões agindo dentro da sociedade, banindo a comodidade e abrindo canais de conexões e conhecimentos, mediante a relação com o sujeito.

Considerações finais

Identificou-se que a Igreja Matriz São Domingos desempenhou e desempenha um papel importante dentro comunidade, tanto a nível religioso, quanto cultural e urbano. A motivação e o empenho para sua construção são indícios de um povo preocupado não só em restaurar o equilíbrio espiritual, mas também em reavivar e dar voz a esta região. A fim de discutir o processo de musealização da Igreja, fruto de sua patrimonialização, o presente trabalho entende que Igreja foi acrescentando novos significados com o passar do tempo.

Inicialmente o objetivo da Igreja era unificar e congregar uma comunidade desprovida de orientação religiosa, além de ser o *start* para o desenvolvimento de um núcleo urbano. Por muitos anos foi um símbolo de fé e poder administrativo. Como base funcional das atividades civis, a comunidade frequentadora desenvolveu um novo tipo de relacionamento e propósito. Desde o surgimento dos órgãos oficiais, o templo religioso pôde então, focar suas ações nas atividades da eucarísticas.

A partir dos vestígios de 1953 verificou-se o interesse dos profissionais do campo museal e patrimonial que a Igreja passasse a ser tombada em nível nacional, mas foi somente em 1974, quando ocorreu a comemoração do sesquicentenário da Igreja Matriz São Domingos, que manifestou-se o empenho coletivo e o reconhecimento do seu valor histórico, por meio da representação material abordado na festa. No entanto, só em 1983 a Igreja Matriz São Domingos conseguiu seu registro no órgão de proteção.

Com base nas respostas ao questionário elaborado neste estudo, constatou-se que a comunidade frequentadora está se tornando mais consciente e envolvida em conservar esse espaço. A apropriação e identificação da Igreja em seu processo de patrimonialização é resultado de uma sociedade que busca conhecer e comunicar sua história. Cabem muitos estudos sobre a Igreja Matriz São Domingos analisando, por exemplo, suas impressões por parte de moradores não frequentadores e a relação da Igreja com outros elementos culturais e religiosos do município.

Mas as evidências demonstraram que Torres, como cidade turística, ganhou com a reabertura da Igreja um novo ponto de interação com o visitante, contribuindo com o setor cultural da cidade. Atualmente, seguindo os protocolos de prevenção e enfrentamento à pandemia, exerce com controle sanitário exclusivamente as práticas eucarísticas. Para além de seu exercício funcional, o diálogo entre a Igreja e a comunidade frequentadora através da perspectiva museológica pode potencializar vínculos identitários importantes que reforcem o espírito de coletividade no enfrentamento da pandemia – sendo mediadora de afetividades, diálogos e convívios que não se limitem ao encontro presencial. A Igreja Matriz São Domingos, na condição de patrimônio, é uma instância motivadora de um senso de coletividade amparado em uma memória coletiva que o tem como referência.

Referências

- ADAMS FILHO, Nelson. **História Torres: Aspectos** - vol I. Torres: Ed. Rodrigo Saran, 2014.
- ALVES, Leonir. **Entrevista I**. [set 2018]. Entrevistadora: Júlia Maggi da Costa. Torres, 2018. 1 arquivo mp3 (8:43min).
- ARANTES, Antonio A. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. **Habitus**, Goiânia, v. 4, n.1, p. 425-435, 2006. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/362/300>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- BARCELLOS, Daisy Macedo de. Dante de Laytano e o folclore no Rio Grande do Sul. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 252-275, nov. 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-718319970003_00252&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 28 jan. 2021.
- BOLETIM DA BIBLIOTECA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, v. 17, n. 2, p. 333-346, maio/ago. 1968.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres; GIOVANNINI JR., Oswaldo. Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG). **Horizontes Antropológicos** Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 225-247, outubro de 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 jan. 2021.
- CURTIS, J.N.B. de. **Vivências com Arquitetura Tradicional do Brasil**: registros de uma experiência técnica e didática. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2003.
- ECIVIL NET. Nave. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ecivilnet.com/dicionario/o-que-e-nave.html> Acesso em: 20 fev. 2021

GUARILHA, Hugo; SCHEINER, Tereza; FAULHABER, Priscila. Questões sobre Museologia e Patrimônio. In: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia G. de Souza (Orgs.). **XXI Encontro Regional do ICOFOM LAM**, dezembro 2012. p. 143-157.

GUARNIERI, W. R. C. A interdisciplinaridade em Museologia, 1981. In: BRUNO, M. C. O. (org.), **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. 1ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 123-126.

IPHAE. Downloads - Portarias De Entorno. **Portaria N° 08/2017**, [s.d.]. Disponível em: Acesso em: 14 nov. 2018.

IPHAN. **Rodrigo Melo Franco de Andrade**, s.d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/173>. Acesso em: 25 jan. 2021.

JORNAL ROTA DO MAR. **Após restauro, Igreja São Domingos de Torres é reinaugurada**, 2017. Disponível em: https://jornalrotadomar.com.br/ci/C_Noticiaver/vernot/5733 Acesso em: 14 jan. 2021.

MAROEVIC, Ivo. O papel da musealidade na preservação da memória. Tradução de Tereza Scheiner. **Congresso anual do ICOFOM**, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 207-222, 1993. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141993000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 fev. 2021.

MUSEU Histórico, Antropológico, Arqueológico e Oceanográfico de Torres, [s.d.]. 3 fotografias.

MUSEU Júlio de Castilhos. **Prezado amigo**, v. 1, 1953, fls. 82-83. [Documento expedido por Dante de Laytano ao Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do SPHAN].

_____. **Ofício 414**, v. 2, 1953, fls. 75. [Documento expedido por Dante de Laytano ao Ruy Ruben Ruschel].

PARÓQUIA São Domingos. **Relatório do período de 1975-1978 da Paróquia São Domingos das Torres – RS**. Torres, 1978.

RUSHCEL, Ruy Rubel. **Torres Origens**. Torres: Ed. Jornal Gazeta, 1995.

TIMM, Paulo. **Torres: Crônica da cidade**, 2015. Disponível em: Acesso em: 7 set 2018.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

ZANIRATO, S. H. Usos sociais do patrimônio cultural e natural. **Patrimônio e Memória** (UNESP), v. 5, p. 137-152, 2009.

Recebido em: 06/02/2021

Aceito em: 05/05/2021